

# CONCORDÂNCIA NEGATIVA (CN) E A ESTRUTURA [V NEG] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO (PB)

Hely Dutra Cabral da Fonseca  
Universidade Estadual de Feira de Santana

**RESUMO:** *Este estudo<sup>1</sup> analisa estruturas usadas na concordância negativa no Português Brasileiro (PB), procurando encontrar uma explicação adequada para a estrutura [V NEG] de acordo com referencial teórico adotado - o modelo dos Princípios e Parâmetros em seus desenvolvimentos mais recentes quanto à negação.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Negação; concordância negativa; princípios e parâmetros (PP).*

## 1 - Introdução

### 1.1 - A negação e a CN no PB

Sabe-se que o português é uma língua de negação pré-verbal.

(1) Não vi o filme.

(Neg V)

A concordância negativa (CN) é uma outra forma possível de negar no PB. Vejamos o posicionamento de Negrão et alli (1999) sobre a CN:

*... Os fatos da distribuição dos itens negativos **nada, nenhum, ninguém, nunca, jamais**, revelam que, se dois destes constituintes negativos aparecem na sentença ou se coocorrem com o operador negativo **não**, nos contextos relevantes, eles não cancelam um ao outro, mas continuam, em conjunto, a expressar uma negação única.*

(55) *mas até hoje ninguém descobriu nada ...*

*Este fenômeno, também encontrado em várias línguas românicas, entre elas, o italiano, francês e espanhol, tem sido denominado na literatura recente de concordância negativa... (NEGRÃO et alli, 1999:13)*

Para a representação da CN seguimos Roberts & Roussou (1999) usando a fórmula [Neg V NEG]. Sob o rótulo NEG incluiremos as palavras-n (*nada, ninguém, nenhum, nunca, jamais*), quando em posição pós-verbal. A discussão sobre o *status* das palavras-n é ampla e será objeto de estudo futuro.

(2) Não vi nada.

(3) Não vi ninguém.

(4) Não fez nenhum esforço.

Neg V NEG

Os exemplos em (5) serão considerados casos de CN, seguindo na definição adotada na página anterior, atestam porém, um outro fenômeno, que será alvo de considerações na segunda parte do texto (cf. seção 4).

(5) a. Não vi não.

b. Vi não.

c. Não vi nada não.

d. Vi nada não.

## 1.2 - O problema

Encontramos, nos exemplos a seguir, uma estrutura [V NEG], que é diferente da ordem canônica esperada em construções de CN:

(6) Tem *ninguém* no chat... (página da Internet/Brasnet, 3.10.00)

'*não* tem *ninguém* no chat'

(7) Experimente usar *nada*. (revista Caras, n° 44, 3.11.00)

'experimente *não* usar *nada*'

(8) ... jogar futebol ou fazer *nada*. (Folha de São Paulo, 03.00)

'... ou *não* fazer *nada*'.

(9) Pratico *nenhum* esporte. (Projeto Nurc/RF-D2, 158:48)

'*Não* pratico *nenhum* esporte'

- (10) Eles estão dizendo que sobrou *nada*. (Hernandes/Galvão/99)  
 ‘que *não* sobrou nada’

Nos exemplos de (6 a 10) a inexistência do *não* pré-verbal contraria a classificação do português como língua de negação pré-verbal. Considerando que a estrutura [V NEG] está começando a aparecer em registros escritos no PB, e considerando que as mudanças ocorrem primeiramente na fala, para mais tarde surgirem na escrita, podemos aventar a possibilidade de estarmos registrando um processo de mudança lingüística.

A estrutura (V NEG) de (5b) vem sendo considerada como de uso comum no nordeste do Brasil na literatura, no entanto, nosso estudo atesta a presença dessa estrutura em documentos escritos de outras partes do Brasil.

### 1.3 - Corpora

Os dados de língua oral foram extraídos do projeto Nurc, e os de língua escrita foram extraídos do jornal A Folha de São Paulo (março- julho/2000), trechos de textos do ‘chat’ da internet (ano 2000), revistas brasileiras (julho a dez/2000) e registros do projeto “Português Fundamental”. Em um segundo momento, com o objetivo de diacronicamente determinar o surgimento da estrutura estudada consultamos dados de língua escrita do português antigo (PA): textos do corpus Tycho Brahe (Usp/Unicamp)\*, do projeto Prohpor (UFBA) e de jornais brasileiros antigos \*\*. Não estamos quantificando os dados pelo fato de serem as ocorrências em número ínfimo, que seriam desprezados por programas de análise de dados como o Varbrul, por exemplo.

### 1.4 - As perguntas

Face à estrutura [V NEG] encontrada nos exemplos de 6 a 10 acima, podemos fazer algumas indagações com relação à estrutura observada:

#### 1.4.1 - O fenômeno estudado já ocorreu em outras línguas?

#### 1.4.2 - Como explicar a estrutura [V NEG] no PB?

## 2 - Quadro Teórico

A Teoria Gerativa, desde o seu surgimento, vem propondo análises para o fenômeno da negação. O Modelo Princípios e Parâmetros (PP) apresenta dois momentos em seu desenvolvimento: 1) Regência e Ligação; a denominação da categoria funcional NegP surge aqui; e 2) Minimalismo. As etiquetas que a Gramática Gerativa usa para as categorias abstratas serão mantidas em inglês nas representações e nas árvores. Este estudo abordará somente os casos de negação que envolvem o fenômeno da CN.

Alguns dos autores gerativistas apontam para caminhos que podem explicar o fenômeno que estamos estudando.

Examinando os resultados de pesquisas feitas sobre a negação encontramos parte das respostas relacionadas aos nossos questionamentos. Começamos pelo estudo da categoria funcional NegP (Negation Phrase).

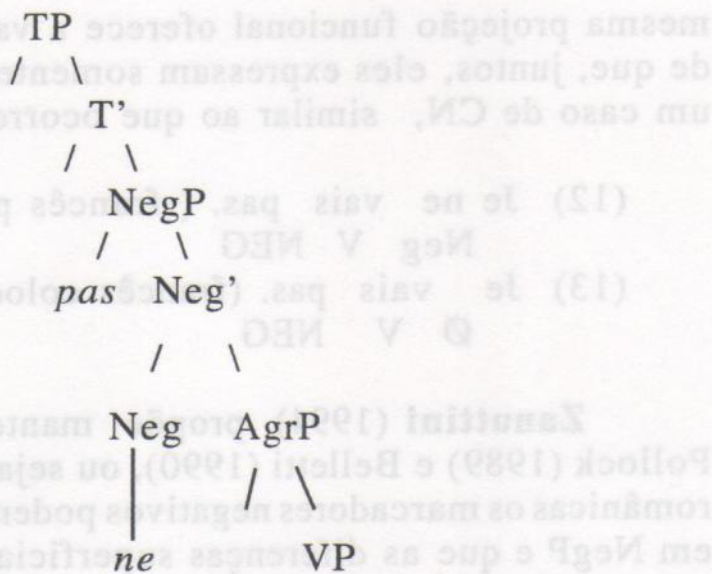
### 2.1 - O núcleo funcional Neg P

Tomando o modelo de PP podemos verificar que os autores divergem quanto à posição de NegP. Antes de Pollock, na teoria de PP, INFL era composto de dois conjuntos de traços: Aspect/Agr e Tense (em Chomsky, 1981).

**Pollock** (1989) propõe que sejam esses conjuntos de traços transformados em categorias, AGR e T, tendo como consequência um aumento de posições disponíveis. Por esse raciocínio, os nódulos AGR e T passam a ter duas posições disponíveis em vez de uma. Pollock afirma a existência da categoria funcional Neg projetando NegP, que passa ocupar a posição entre AgrP e TP.

O autor explora a idéia de que o marcador negativo do francês *ne* projeta uma categoria de acordo com a arquitetura da teoria X-barras. Enquanto o núcleo de NegP em francês é realizado como *ne*, a posição de especificador aloja o marcador negativo *pas*. As três categorias funcionais são ordenadas com TP acima, NegP na posição intermediária e AgrP, como mostra o diagrama a seguir:

(11)



Para explicar a ordem de palavras na superfície, em que *ne* sempre precede o verbo, Pollock sugere que, pelas suas propriedades de clítico, *ne* se junta ao verbo, movendo-se junto com o verbo finito para T°.

Vou adotar essa mesma análise quanto à idéia de que o marcador negativo no PB projeta uma categoria NegP, cujo núcleo é realizado pelo marcador *não*, ocupando a posição de especificador dessa categoria as palavras-n. Pelas propriedades de clítico, *não* se junta ao verbo, movendo-se junto com o verbo finito para T°.

Na linha de Figueiredo Silva (1996) estamos assumindo que o item *não* pré-verbal do PB pode ser clítico.

*"Aqui defenderemos a hipótese segundo a qual o PB dispõe de um não clítico que acompanha o verbo, elemento que não deve confundido com o não que pode aparecer isolado. "...O argumento principal é de ordem fonológica: ... não pode ser pronunciado /num/ sem que isso implique degradação ou melhora na aceitabilidade dos exemplos" (Figueiredo Silva, 1996:56).*

Vamos admitir que o *não* clítico pode, em contextos apropriados de CN, como nos exemplos de (6 a 10) sofrer processo de apagamento como aconteceu com o "*ne*" do francês.

Em francês moderno, *ne* não pode negar uma sentença, embora haja casos residuais de *ne* como operador de negação, *ne* co-ocorre sempre com outro elemento negativo, por exemplo *pas*. A maneira de ver *ne* e *pas* como núcleo e especificador de uma

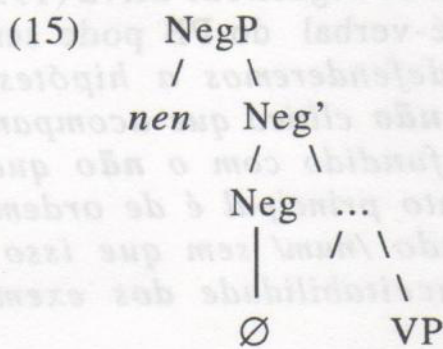
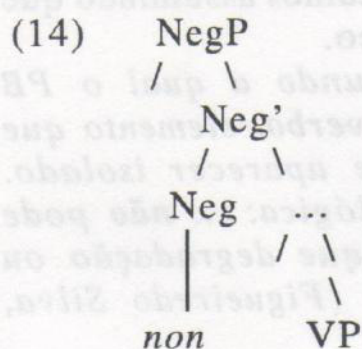
mesma projeção funcional oferece a vantagem de capturar o fato de que, juntos, eles expressam somente uma situação de negação, um caso de CN, similar ao que ocorre no PB.

(12) Je ne vais pas. ( francês padrão)  
 Neg V NEG

(13) Je vais pas. (francês coloquial)  
 Ø V NEG

Zanuttini (1994) propõe manter a idéia das propostas de Pollock (1989) e Belletti (1990), ou seja, a idéia de que nas línguas românicas os marcadores negativos podem ser vistos como projetados em NegP e que as diferenças superficiais são resultados de movimentos. Ambos os marcadores pré- e pós-verbal, nessa proposta, são gerados em alguma projeção funcional mais baixa que aquela que é o local de pouso do verbo finito.

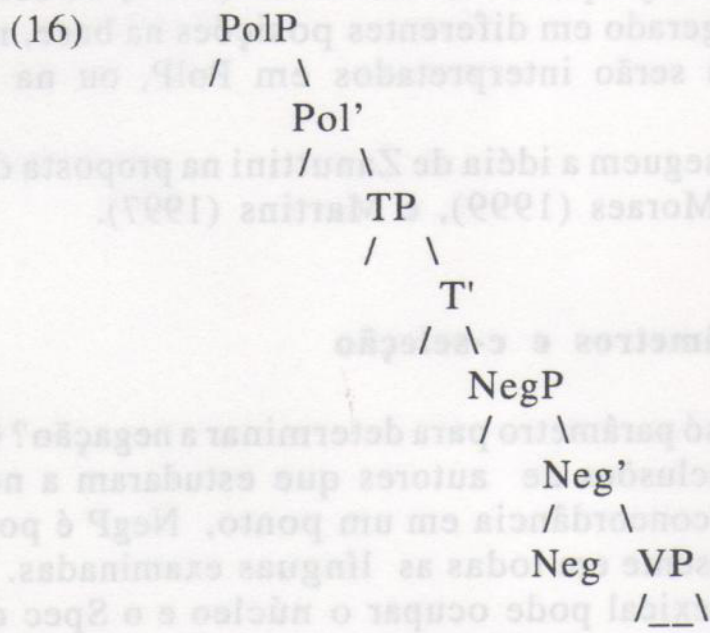
A proposta de Zanuttini é a seguinte: os marcadores negativos nas línguas Romance ou são elementos X<sup>0</sup> que projetam uma categoria funcional NegP, ou são elementos XP que ocorrem no especificador de NegP, com um Neg<sup>0</sup> vazio. Os diagramas abaixo ilustram esses dois casos; *non* do italiano é o núcleo de NegP, enquanto *nen* do Piedmontese é um XP, que ocorre no especificador de NegP.



(Zanuttini, 1994:446)

Ao lado da projeção em que os marcadores negativos são gerados na base, uma outra projeção é relevante para a interpretação das sentenças: a projeção PolP, em que esses marcadores são interpretados. Todos os marcadores negativos serão interpretados

em PolP. As diferenças existentes entre as línguas com respeito à posição de superfície dos marcadores negativos derivam do fato que, em certas línguas, os traços de PolP devem ser verificados antes do Spell-out, enquanto em outras eles podem ser verificados em LF. Em uma língua como o piemontês, por exemplo, que tem traços negativos fracos, o marcador negativo não se move antes do Spell-out, devido ao princípio de procrastinar, mas subirá na LF. Como se vê abaixo na árvore de número (16) está a representação proposta por Zanuttini para a negação nas línguas românicas:



(Zanuttini, 1994: 447)

De acordo com Zanuttini, as línguas que expressam negação sentencial por meio de um marcador negativo pré-verbal, através de itens que expressam a negação por si sós, são aquelas com traços fortes, que requerem a verificação de traços acontecer antes do Spell-out. Traços fortes forçam o movimento visível. Há duas formas em que os traços de PolP podem ser verificados antes do Spell-out:

(a) movimentando o marcador negativo para o núcleo de PolP, este é o caso exemplificado abaixo:

(17) a . Maria *non* lavora qui. (italiano) (Zanuttini, 1996:16)

b. Maria *não* trabalha aqui. (português, tradução nossa).

(b) tendo um indefinido negativo no especificador de PolP, de tal forma que a configuração de concordância núcleo/especificador acontece. Este é o caso em que um elemento negativo que é X-max se move para o especificador de PolP, como nos exemplos abaixo.

(18) a. Nessuno ha detto niente (italiano). (Zanuttini, 1994:449)

b. Ninguém disse nada (português, tradução nossa).

Adotarei aqui a proposta de Zanuttini (1994) no sentido de que NegP pode ser gerado em diferentes posições na base, mas que os traços negativos serão interpretados em PolP, ou na sintaxe aberta ou em LF.

Autores que seguem a idéia de Zanuttini na proposta de NegP e PolP são Torres Moraes (1999), e Martins (1997).

## 2.2 - NegP, parâmetros e c-seleção

Existiria um só parâmetro para determinar a negação? Quando comparamos as conclusões de autores que estudaram a negação, observamos que há concordância em um ponto, NegP é postulado como categoria presente em todas as línguas examinadas. Porém, quanto a que item lexical pode ocupar o núcleo e o Spec de Neg, e quanto a qual categoria Neg<sup>o</sup> c-seleciona, discordam.

Podemos observar que os autores concordam quanto ao preenchimento da posição de núcleo e Spec de Neg em francês, porém discordam quanto a que complemento Neg c-seleciona. Para Pollock Neg seleciona AgrPs, para Belletti e Ouhalla Neg seleciona TP, e para Zanuttini Neg seleciona VP.

Francês	Núcleo	Spec	Complemento
Pollock	ne	pas	AgrPS
Belletti	ne	pas	TP
Ouhalla	ne	pas/adv	TP
Zanuttini	ne	pas	Aux/VP

Já quando se trata da língua inglesa, os autores têm diferentes posições, sendo que só Zanuttini vai atribuir status diferente

para o *n't* e o *not*. Quanto ao complemento que Neg c-seleciona Ouhalla e Zanuttini concordam em parte.

Inglês	Núcleo	Spec	Complemento
Pollock	vazio	not	AgrPs
Ouhalla	non	vazio	AgrP/TP
Zanuttini	n't	not	TP/VP

Já para o italiano, vemos que as autoras estão de pleno acordo sobre *non* ocupar o núcleo de NegP, no Spec vai um advérbio, e Neg toma TP como seu complemento.

Italiano	Núcleo	Spec	Complemento
Belletti	non	adv	TP
Zanuttini	non	adv	TP

Contrariamente a Pollock e Belletti, que não mencionam que parâmetro estaria envolvido na questão da negação, Ouhalla afirma que haverá variação paramétrica a depender do tipo de operador que as línguas têm, se afixal ou não, o que iria determinar qual categoria NegP c-seleciona como complemento. Zanuttini (1996) vai optar pelos dois tipos de NegP, NegP1 para as línguas que apresentam negação sentencial pré-verbal e NegP2 para as línguas que apresentam negação pós-verbal. Nesse ponto, se aproxima de Ouhalla, porque na verdade a autora está postulando diferentes parâmetros para diferentes casos, embora ela não mencione a variação paramétrica, está claro que dois NegPs atestam essa variação.

Assim, percebemos que, em relação aos parâmetros, não há uma posição uniforme dos autores. Ouhalla afirma que diferentes estruturas na sintaxe visível da negação revelam variação paramétrica entre as línguas, observem que no caso aqui estudado parece estar havendo uma variação paramétrica dentro do PB.

### 3 - A negação no português brasileiro

Mioto (1991), na sua tese sobre a negação, apresenta a seguinte representação para o Português Brasileiro (PB):

para o *n't* e o *not*. Quanto ao complemento que Neg c-seleciona Ouhalla e Zanuttini concordam em parte.

Inglês	Núcleo	Spec	Complemento
Pollock	vazio	not	AgrPs
Ouhalla	non	vazio	AgrP/TP
Zanuttini	n't	not	TP/VP

Já para o italiano, vemos que as autoras estão de pleno acordo sobre *non* ocupar o núcleo de NegP, no Spec vai um advérbio, e Neg toma TP como seu complemento.

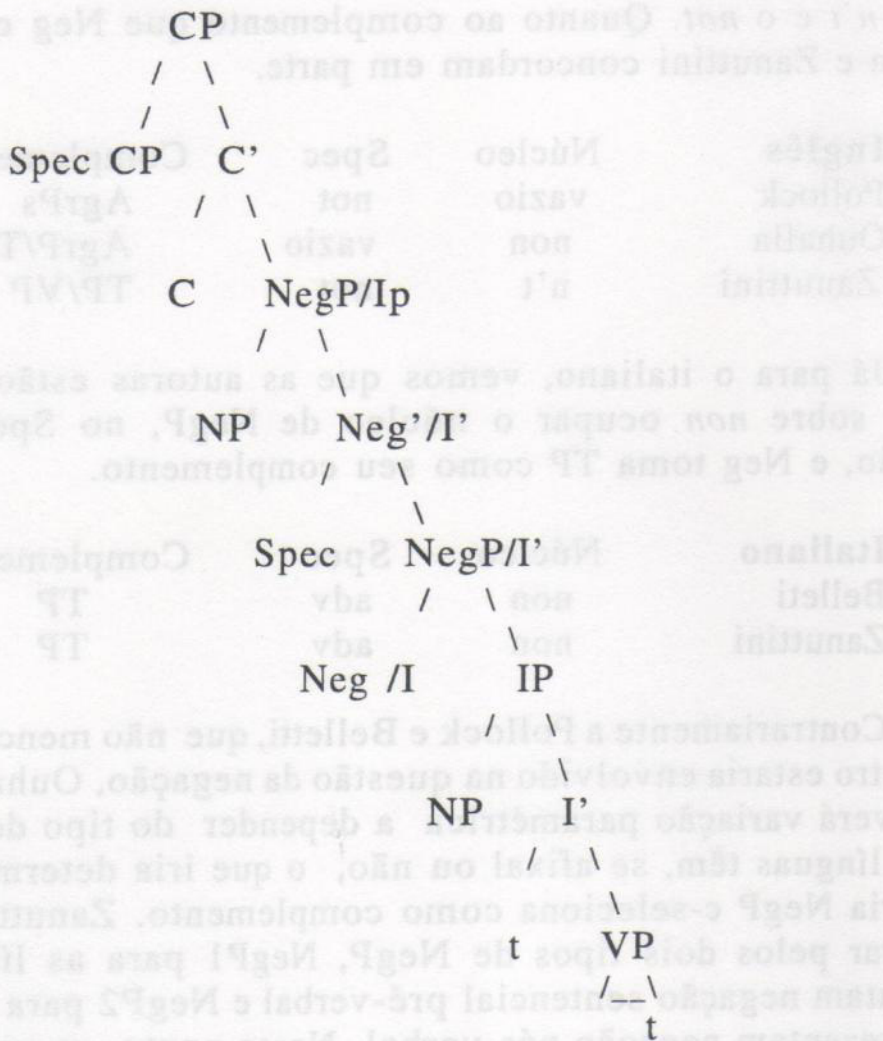
Italiano	Núcleo	Spec	Complemento
Belletti	non	adv	TP
Zanuttini	non	adv	TP

Contrariamente a Pollock e Belletti, que não mencionam que parâmetro estaria envolvido na questão da negação, Ouhalla afirma que haverá variação paramétrica a depender do tipo de operador que as línguas têm, se afixal ou não, o que iria determinar qual categoria NegP c-seleciona como complemento. Zanuttini (1996) vai optar pelos dois tipos de NegP, NegP1 para as línguas que apresentam negação sentencial pré-verbal e NegP2 para as línguas que apresentam negação pós-verbal. Nesse ponto, se aproxima de Ouhalla, porque na verdade a autora está postulando diferentes parâmetros para diferentes casos, embora ela não mencione a variação paramétrica, está claro que dois NegPs atestam essa variação.

Assim, percebemos que, em relação aos parâmetros, não há uma posição uniforme dos autores. Ouhalla afirma que diferentes estruturas na sintaxe visível da negação revelam variação paramétrica entre as línguas, observem que no caso aqui estudado parece estar havendo uma variação paramétrica dentro do PB.

### 3 - A negação no português brasileiro

Mioto (1991), na sua tese sobre a negação, apresenta a seguinte representação para o Português Brasileiro (PB):



(19) João não visitou a Bahia. ( Miotto, 1991)

Podemos observar que Miotto (1991) propôs um núcleo complexo NegP/IP para a representação da negação em português. Ocorrências do tipo (20) abaixo foram mencionadas por Miotto como negação de “reforço”; do tipo (21) como resposta negativa a perguntas; e (22) como uso regional do nordeste brasileiro.

(20) Ela **não** veio **não**. (Neg V NEG)

(21) F1: Ele veio?

F2: Veio **não**. (V NEG)

(22) F1: Você não sabia que eu vinha?

F2: Sabia **não**. (V NEG)

Examinaremos abaixo nossas hipóteses para explicar a estrutura (V NEG) com base no quadro teórico adotado.

### 3.1 - Hipótese 1

Retomando a proposta que Pollock fez para o francês, podemos pensar que algo similar ocorre com o *não* do PB, que sendo clítico, se afixa ao verbo e se movimenta da mesma forma que *ne* do francês para a posição de núcleo de TP, resultando na fórmula [Neg V]. Voltando à análise do PB, o *não/num* do PB se cliticiza ao V e se move para T. Tal como o *ne* do francês, o item *não/num* vai sofrer um apagamento em PF mas em LF o núcleo, contendo os traços do operador de negação continua a existir, forçando a subida de TP para a verificação de traços em PolP. Entendemos que dessa forma estamos respondendo à nossa pergunta 1.4.2 (como explicar a estrutura (V NEG) no PB).

Por outro lado, como resposta à pergunta de número 1.4.1 acima (O fenômeno estudado já ocorreu em outras línguas?), vamos dizer que sim, o fenômeno já ocorreu no francês.

Devemos observar, no entanto, que as duas línguas têm diferenças. enquanto o *ne* do francês perdeu sua capacidade de operador de negação, o seu correspondente *não* do PB continua podendo negar uma sentença, ainda que haja autores que afirmem o contrário.

Martins E. (1997), estudando o português falado no Brasil em um dialeto de Minas Gerais, afirma que:

*the behavior of the phonetically reduced não in spoken Portuguese shows that it has become a negative marker that cannot negate the sentence alone. (Martins E, 1997:28)*

*...that pre-verbal 'não', which is fully pronounced when used to negate a sentence alone, is only a remnant of the pre-verbal 'não' used in earlier stages of Brazilian Portuguese and which is already used in formal and written language. (Martins, E., 1997:24)*

Os argumentos de Martins E. (1997:28) seguem a linha do trabalho de Martins (1994) para a existência de TP, com a diferença que Martins E. propõe mudança paramétrica dos valores de TP de forte para fraco no PB moderno, tendo como consequência a dispensa da subida para Sigma de traços para verificação tanto do marcador negativo como do verbo, no caso de sentenças afirma-

tivas.

As observações de Martins E. (1997) igualam o *não* do PB ao *ne* do francês quanto à capacidade de negar uma sentença. Essa proposta é diferente da nossa, que considera a presença de traços de um operador de negação em LF que atua na verificação de traços em PolP.

### 3.2 - Hipótese 2

Já comparamos o *num* do português com o *ne* do francês. Notamos que os casos de apagamento do *não* pré-verbal no PB ocorre na presença das palavras-n nos nossos exemplos (6 a 10). Podemos pensar em uma outra possibilidade, a de que as palavras-n pós-verbais estejam se tornando operadores de negação no PB. Essa possibilidade existe, uma vez que algo similar aconteceu com o *pas* do francês, além de haver outros casos semelhantes registrados na história das línguas (cf. Martins, 1997, e Roberts & Roussou, 1999).

O ciclo de Jespersen (1917) ilustra bem, em termos estruturalistas, a questão da queda dos operadores de negação, do surgimento de palavras-n e de minimizadores da negação como novos operadores.

## 4 - O não pós-verbal do PB, fortíssimo

Nos exemplos abaixo notamos a presença de mais um *não* pós-verbal na estrutura sentencial, provocando a impressão de haver um aumento de itens da negação.

(23) Não vi nada não;

(24) Vi nada não.

Como explicar a presença de um item lexical final que parece aumentar a negação no PB? Acreditamos que o *não* em 23 e 24 é de natureza diferente do *não* pré-verbal clítico, por marcar fronteira de sentença, por ter um contorno entoacional decrescente de final de sentença no PB, ao passo que o *não* clítico não denota

fronteira, admite um outro clítico à sua direita (*Ex. não me viu*) e tem contorno entoacional crescente, no sentido de que a altura máxima será atingida no verbo.

A ocorrência de um *não*, em posição final na sentença, impede a ocorrência de qualquer outro item lexical à sua direita. Qualquer acréscimo à direita do *não* pós-verbal torna as sentenças agramaticais, vejamos:

(20 a) Ela **não** veio **não** (\*nada).

(21 a) F1: Ele veio?

F2: Veio **não** (\*ninguém).

(22 a) F1: Você não sabia que eu vinha?

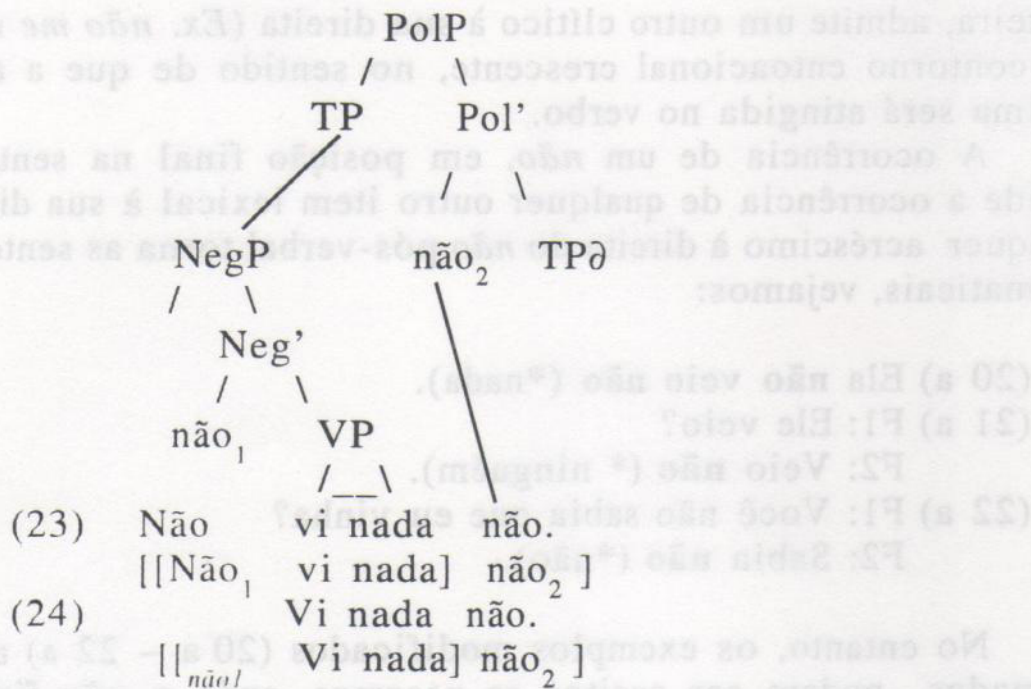
F2: Sabia **não** (\*não).

No entanto, os exemplos modificados (20 a – 22 a) acima retomados podem ser aceitos se usarmos, após o *não* final, o recurso de uma pausa na fala, ou uma vírgula na escrita, ambas marcações de fronteira sentencial. Esse fato corrobora nossa afirmação quanto à posição final do item.

Vamos nos referir ao *num* clítico, fraco, que sofre apagamento como *não*<sub>1</sub> e ao *não* final como *não*<sub>2</sub>. Podemos dizer que o PB distingue as duas funções diferentes do *não*<sub>1</sub> e do *não*<sub>2</sub> por suas posições estruturais diferentes.

Nossa proposta é a de que o *não*<sub>2</sub> final do PB é realizado no núcleo de PolP, enquanto TP é atraído para o Spec de PolP para que haja verificação dos traços de polaridade negativa que está em TP, uma vez que o V se deslocou para T para verificar seus traços de tempo e levava consigo o *num* clítico. Propomos a existência de um *não* fortíssimo no PB, o *não*<sub>2</sub>, homófono, que tem traços diferentes do *não*<sub>1</sub> que é átono, reduzido foneticamente e que pode sofrer apagamento. O *não*<sub>2</sub> é tônico, não é clítico, possui traços fortes que serão verificados no núcleo de PolP.

A representação arbórea para (23) e (24) está a seguir:



Analisando (23) temos a sentença negativa gerada com NegP, o *não*<sub>1</sub> é clítico e vai juntamente com o verbo verificar traços do verbo em TP. A sentença está em Spec de TP. De acordo com Zanuttini, posição que adotamos, acontece a subida de TP para Spec de PolP para verificação de traços em línguas com negação de traços fortes como é o PB. Ao subir para PolP para verificar traços fortes de negação, TP vai para Spec de PolP. A posição do núcleo de PolP não está ocupada, e é justamente nessa posição que o item lexical *não*<sub>2</sub> é inserido diretamente do léxico, aqui estamos adotando uma idéia minimalista, em que os traços formais são inseridos diretamente do léxico em LF, em uma operação de concatenação entre PolP e *não*<sub>2</sub>.

No caso de (24) a diferença está em que o *não*<sub>1</sub> está apagado em PF, mas continua atuando em LF como operador de negação, o que provoca a subida de TP para Spec de PolP. Dessa forma acreditamos que estamos respondendo à pergunta: a negação está aumentando no PB? Por esta proposta, estamos afirmando que o PB tem, definitivamente, dois *nãos*, um que é fraco, clítico, que pode sofrer apagamento como nos exemplos 6-10; e um outro *não* que é forte, que tem um estatuto próprio, isto é, que é gerado diretamente no núcleo de PolP, como nos exemplos 23 e 24, quando aparece em posição final da sentença.

Estruturas que, na sintaxe de superfície, são diferentes, têm, na base, arranjos iguais.

Em (25) abaixo, seguindo a linha de pensamento que adotamos, podemos afirmar que a negação pós-verbal no PB constitui-se em claro indício de que nos dialetos que admitem essa estrutura o *não*<sub>2</sub> tem traços fortíssimos, mostrando na sintaxe visível um movimento de TP para Spec de PolP, com o *não*<sub>2</sub> ocupando o núcleo de PolP, como explicado acima.

(25) Pegue a criança não.

(26) Não fiz isso nunca não.

O fato de não ser possível colocar nenhum outro item lexical depois do *não*<sub>2</sub> pós-verbal constitui uma prova de que toda a frase se moveu para a esquerda do núcleo de PolP.

### Considerações finais

Encontramos, dentro do quadro teórico assumido, uma solução satisfatória para explicar as estruturas [V NEG] no PB, apoiando-nos no posicionamento e movimento de TP para Spec de PolP. A estrutura [V NEG] observada nos exemplos de (6 a 10) e (20 a 22) mostram que há indícios da existência da dualidade do *não* em PB:

1) um operador negativo, pré-verbal, o *não*<sub>1</sub>, que em casos de CN pode sofrer apagamento em PF; atuando, porém, em LF como um operador de negação.

2) um operador negativo, pós-verbal, o *não*<sub>2</sub>, fortíssimo, que se realiza como núcleo de PolP e que ocorre em posição final na sentença.

Por outro lado, considerando-se que a estrutura da negação deve ser sempre marcada por um item lexical, nos casos de apagamento do *não*<sub>1</sub> pré-verbal, pensamos que como consequência uma das palavras-n no PB poderá vir a ser um operador de negação, tal como ocorreu com o *pas* do francês. O fato novo é a existência do *não*<sub>2</sub>, cuja presença já foi relatada ao longo desse trabalho.

Quanto aos dados diacrônicos consultados, constatamos não haver estrutura [V NEG] no PA, nem tampouco na amostra do PE moderno consultada, o que não nos oferece evidência para uma

posição clara quanto à existência de [V NEG] no PA e PE.

**ABSTRACT:** *This study analyses structures used in negative concord (NC) in Brazilian Portuguese, trying to find an adequate explanation for the structure [V NEG] following the theoretical background adopted - the Principle and Parameters Theory and its updated research on negation.*

**KEY WORDS:** *negation, negative concord, Principles and Parameters (PP).*

\* O corpus Tycho Brahe está disponível na rede em <http://www.ime.usp.br/~thycho/corpus/acess.html> e faz parte do projeto “Padrões rítmicos, fixação de parâmetros e mudança lingüística”, coordenado pela Profa. Charlotte Galves (Unicamp).

\*\* Agradeço a Profa. Ilza Ribeiro por ter possibilitado nosso acesso aos dados do PA.

## NOTAS

1 Resultado de pesquisa de qualificação em área complementar do Doutorado em Lingüística/Unicamp, em gramática gerativa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALLOU, D. & LOPES, C.R. S. (Orgs.). *Linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro: materiais para seu estudo*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 1994. (Volumes: Vol. I - Ef; Vol. II – DID, Vol. III -D2).
- CASTILHO, A. T. *Linguagem Falada Culta Na Cidade de São Paulo: Diálogos Entre Dois Informantes*. São Paulo: Quieroz / Fapesp, 1987.
- FIGUEIREDO SILVA, M. C. *A posição sujeito no português brasileiro*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. Gramaticalização nos mecanismos de negação em Natal. In: *Gramaticalização do Português do Brasil*, Editora Tempo Brasileiro, 1996.

- JERPERSEN, Otto. Negation in English and other languages. In: *Selected writings of Otto Jerpersen*. London: G. Allen & Unwin Ltd, 1917.
- MARTINS, A. M. Aspectos da negação na história das línguas românicas. In: *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Editado por Ivo Castro, 1997.
- MARTINS, E. E. *Sentential Negation in Spoken Brazilian Portuguese*. Dissertação de Mestrado. USA: Georgetown University, 1997.
- MIOTO, C. *Negação sentencial no português brasileiro e teoria da gramática*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 1991.
- MIOTO, C. Negação sentencial no PB. In: *Boletim da Abralin*, n. 14, 1993: 105-112.
- MIOTO, C. Aspectos da sintaxe da negação. In: *Anais do XXVII GEL*, 1998a.
- MIOTO, C. Tipos de negação. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 1998b.
- MOTA, J. & ROLLEMBERG, V. (Orgs.) *A linguagem falada culta na cidade de Salvador: materiais para seu estudo*. Universidade Federal da Bahia, 1994. (Vol.1: diálogos entre informante e documentador).
- NEGRÃO E. et alli. *Itens negativos em corpus do português brasileiro*, 1999.
- OUHALLA, J. *Functional categories and parametric variation*. Routledge. London: UK, 1991.
- POLLOCK, J. Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP. In: *Linguistic Inquiry*, Volume 20, number 3. Summer, 1989: 365-424.
- PONTES, E. *Da importância do tópico em português*. Anais do V Encontro Nacional de Linguística, Rio de Janeiro, 1981.
- ROBERTS I. & ROUSSOU A. A formal approach to gramaticalization. In: *Linguistics*, Vol. 37-6 (364) , 1999. p. 1011.
- ZANUTTINI, R. *Negation and clausal Structure*. A comparative Study of Romance Languages. USA: Georgetown Univ. Press, 1996.
- ZANUTTINI, R. *Reflexes of clausal structure in the syntax of negation*. Campinas: Unicamp, 1995.
- ZANUTTINI, R. Re-examining Negative Clauses. In: *Paths towards Universal Grammar*. Georgetown University, 1994.
- ZANUTTINI, R. *The Structure of Negative Clauses in Romance*. (ms), 1989.